

**A escola pública e a cidade de Portão/RS:
universos criados e observados por diferentes janelas**

*The public school and the city of Portão/RS:
universes created and observed through different windows*

Sandra Maria Costa dos Passos Colling

Universidade Feevale (PPGPMC)

Novo Hamburgo, Brasil

sandracolling@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3094-1111>

Magna Lima Magalhães

Universidade Feevale (PPGPMC)

Novo Hamburgo, Brasil

magna@feevale.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9661-4178>

Ana Luiza Carvalho da Rocha

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Professora colaboradora no PPGAV e coordenadora de pesquisa do BIEV)

Porto Alegre, Brasil

miriabilis@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2294-5932>

Recebido em: 30 de dezembro de 2023

Aceito em: 30 de janeiro de 2024

Resumo

O objetivo principal deste artigo é identificar elementos presentes nas narrativas e imagens de professoras, hoje aposentadas, sobre as reminiscências de suas trajetórias em educação. Estas mulheres, que atuaram nos anos iniciais do ensino fundamental, tratam dos olhares da escola para a cidade e da cidade para a escola. Os diálogos apresentam observações por diversas janelas: das escolas, das residências de cada comunidade escolar, dos satélites para vislumbrar os espaços e dos meios de comunicação, visto que a etnografia ocorreu durante o distanciamento social por motivo da pandemia de Covid19. Ao longo da investigação, pode-se perceber a construção da subjetividade de cada parceira de pesquisa e a forma como cada lugar se transformou, analisando-se por diferentes ângulos. Os universos criados, recriados e reinventados ao longo do tempo, são de aprendizado, sutilezas e afeto. Habitar estes espaços públicos, tanto da escola quanto da cidade, deixando marcas, é próprio de professoras e é relevante que sejam elas que narrem estes territórios existenciais.

Palavras-chave: Habitar. Escola. Cidade. Professoras aposentadas.

Abstract

The main objective of this article is to identify elements present in the narratives and images of teachers, now retired, about the reminiscences of their careers in education. These women, who worked in the early years of elementary school, deal with the views of the school towards the city and the city towards the school. The dialogues present observations from different windows: from schools, from the homes of each school community, from satellites to glimpse the spaces and from the media, as the ethnography took place during social distancing due to the Covid19 pandemic. Throughout the investigation, one can see the construction of the subjectivity of each research partner and the way in which each place has transformed, analyzing it from different angles. The universes created, recreated and reinvented over time are one of learning, subtleties and affection. Inhabiting these public spaces, both in the school and in the city, leaving marks, is typical of teachers and it is important that they are the ones who narrate these existential territories.

Keywords: Housing. School. City. Retired teachers.

Introdução

Este texto é parte dos estudos da tese intitulada “Olhares e movimentos com o que resta de giz nas mãos: memórias do mundo do trabalho de professoras aposentadas da rede pública de ensino e o patrimônio cultural escolar do município de Portão/RS¹, no Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais, pela Universidade Feevale, defendida em outubro de 2022. O estudo se desenvolve com pesquisa bibliográfica e encontros etnográficos, percorrendo espaços da cidade de Portão/RS, revisitando com sete professoras² aposentadas as escolas públicas onde lecionaram ao longo de suas trajetórias. O município de Portão é situado no Vale do Sinos (Figura 1), na região metropolitana de Porto Alegre. Fundado em 9 de outubro de 1963, possui em torno de 31.000 habitantes.

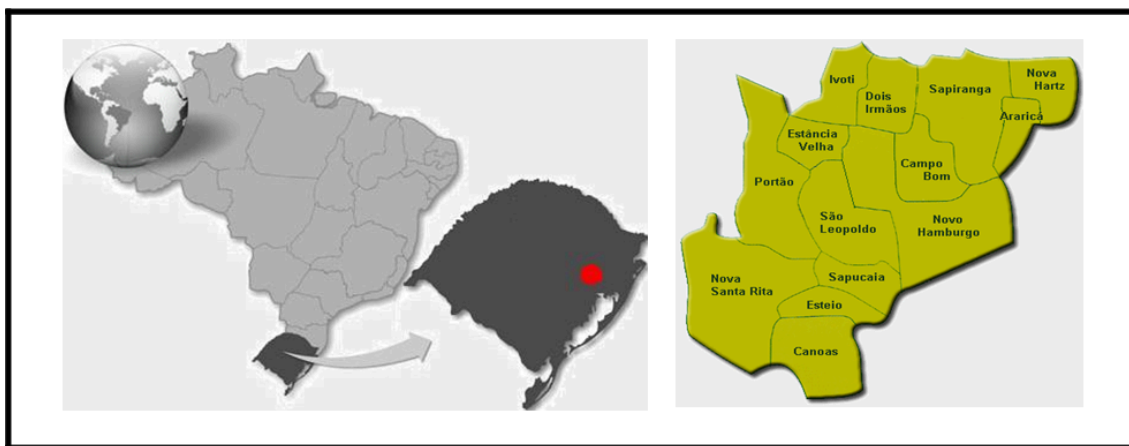


Figura 1: Mapa da região do Vale do Sinos/RS.
Fonte: Forner, 2020.

O objetivo geral desta pesquisa foi o de analisar a influência das experiências pedagógicas, da estrutura escolar e das tecnologias de governo na construção da trajetória profissional de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental de Portão/RS e a relação com o patrimônio cultural escolar. A investigação foi desenvolvida entre 2020 e 2022, tendo dedicado um ano e meio de trabalho de campo.

Ao percorrer quilômetros pela cidade observando e fotografando as escolas, percebe-se o quanto a cidade está se desenvolvendo nos bairros urbanos; nestas localidades, as escolas parecem estar com os prédios “empilhados”, com pouca área verde. Inchando, estas escolas urbanas têm que acolher alunos e alunas oriundos de seu

¹ Apoio PROSUC CAPES.

² As professoras parceiras desta pesquisa autorizaram o uso de seus nomes, imagens e narrativas, com Carta de Cessão devidamente assinada. São elas: Rosaura, Marisa, Mariângela, Adreane, Leila, Eoní e Cândida. São mulheres de camadas médias, de origem portuguesa e alemã, com idade entre 55 e 79 anos, formação de magistério e, em sua maioria, graduadas em licenciaturas como pedagogia, artes e educação física.

entorno e daqueles lugares interioranos que não possuem mais escolas em funcionamento. Além disso, as casas se aglomeram ao seu redor, onde se observam pequenos mercados, inúmeras igrejas e até mesmo os becos, que mesmo “apertados” estão com as vias asfaltadas.

Estas observações estão presentes nas narrativas das professoras aposentadas quando se referem ao crescimento populacional e tudo o que demanda para o atendimento das necessidades da população. A construção destas relações ocorre num processo social que se dinamiza conforme a comunidade se vê (Maffesoli, 1996).

As imagens sobre a escola, o bairro e a cidade dão corpo às visualidades narradas por estas mulheres. Como uma instituição é uma convenção (Douglas, 1998), as convenções escolares se dão através do *ethos*³ da escola, construído ao longo do tempo, numa constante retroalimentação com a sociedade, tendo sempre em mente os aspectos econômico, político, socioambiental e cultural.

Vale lembrar que, numa sociedade, é preciso “que entre seus membros exista algum pensamento e algum sentimento que se assemelhem” (Douglas, 1998: 19), e a escola pode ser este elo; depende da relação com a comunidade que faz parte da sociedade que vive/compõe/narra a cidade. Nestas observações contemporâneas observam-se as movimentações e criações de universos dos mais diversos, do público ao privado e do privado ao público.

As narrativas e as visualidades por entre as mais diferentes janelas produzem sensações que convidam a observar, com detalhes, cada universo criado pelas professoras que nos contam sobre suas trajetórias na educação. São cruzamentos, dobras (Deleuze; Guatari, 1992b), invenções, fissuras, sendo que “esse entrelaçamento de percursos, muito ao invés de constituir um fechamento, prepara, assim espero, nossos caminhos para se perderem na multidão” (Certeau, 1994: 22). É esse o desejo que move esta pesquisa ao abrir cada uma das janelas encontradas no caminho.

Retratos da conexão entre a cidade e a escola: “Parece que tem um ruído.”

A escola está situada num espaço da cidade. Normalmente a escola é criada em função da demanda de estudantes em uma determinada localidade. Com o tempo,

³ Para Maingueneau (2008: 69) o *ethos* é o processo “da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva”, sendo instituído no momento da enunciação/discurso, enquanto o enunciado se dirige ao seu público e relaciona-se ao tom, tanto escrito quanto falado (Maingueneau, 2008). O *ethos* pode se referir a indivíduo ou instituições; neste caso específico, vislumbra-se o *ethos* da escola. O *ethos* é aquilo que o enunciator constrói de si para influenciar um determinado público; ou seja, uma representação identitária. Tais representações sofrem interferências da memória coletiva.

muitas vezes, estas necessidades aumentam ou cessam. Quando o fluxo de alunos diminui, a escola é colocada em processo de desativação⁴. Há uma legislação específica em cada nível de ensino para que este fato ocorra até o fechamento definitivo da escola. Ao contrário, quando a demanda aumenta, ocorre o estudo para a ampliação de sua estrutura física, do seu setor pedagógico, bem como de profissionais a partir de nomeação. Este é o primeiro elo observável entre a cidade e a escola.

Além disso, é preciso pensar nas conexões existentes entre estes espaços, na construção de laços que facilitem o processo de ensino aprendizagem dos alunos e alunas, levando em consideração as questões que envolvem a sociedade da qual a escola faz parte. Mas, afinal, que espaços são esses? Bachelard afirma que o “espaço, o grande espaço, é amigo do ser” (1993: 211): estes espaços – tanto da escola quanto da cidade – são de conhecimento e socialização. Muitas são as cores, os cheiros, os sabores e os sons nestes espaços: o que não é favorável é quando entre eles “parece que tem um ruído” (Cândida, 2021). É preciso observar atentamente o que as narrativas apresentam a seguir.

Pensar a cidade de dentro da escola

No decorrer dos períodos letivos, são organizados encontros, reuniões, projetos e eventos diversos para que a população participe das atividades da escola. As professoras aposentadas apresentam alguns momentos vivenciados nesta relação e o modo como observam estes encontros, aqui especificamente sobre como a escola vê e pensa a cidade.

Rosaura percebe que a escola precisa observar mais a cidade. “A cidade cresce, e com ela vem aquele turbilhão de coisas. A escola tem que acompanhar, mas será que a escola olha mesmo para a cidade?” Para ela isto deveria estar entre as competências da escola.

Mariângela lembra que, em cada lugar onde passou, o olhar da escola para a cidade se diferenciava. “Na João Scherer⁵ tudo era em função da comunidade, tão pequena, mas muito unida”. Como ela trabalhou numa grande escola central, a Escola Municipal 9 de Outubro⁶, comenta que “no ‘9’ a ideia de cidade se expandia porque

⁴ Em concordância com a Lei Federal nº 12.960/2014, sobre fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas. Ainda carece de normativa para todas as escolas de educação básica, pois em 2016 um projeto específico foi rejeitado pela Câmara Federal e arquivado.

⁵ Escola Municipal de zona rural, multisseriada, hoje desativada.

⁶ Escola central, hoje pertencente ao ensino estadual.

tínhamos alunos de vários lugares da cidade. Eu sentia que a cidade e a escola conversavam”. Mais tarde, quando foi lecionar na localidade de Cachoeira, na Escola Municipal Gonçalves Dias⁷, a experiência foi outra – “Lá, eles têm uma simplicidade, uma sabedoria que outras pessoas não têm, isso não importa o estudo, nem diploma. A escola e a comunidade aprendiam juntas. A escola não funcionava sem olhar pra este espaço da cidade”.

A professora Marisa desejava que a ligação tivesse sido maior. “A escola precisa ver a cidade, ter esta experiência. Se a gente propõe que as pessoas olhem a cidade por um período, as pessoas se voltam a olhar e se mobilizam. Mas a escola ainda não enxergava a cidade. Talvez agora, né?” – ela questiona. Pensando um pouco mais – Marisa silencia e fica pensativa –, ela se dá conta do quanto fez saídas de campo para observar o meio ambiente e o desenvolvimento da cidade, quando lecionou nas escolas municipais Carlos Oswin Franke⁸, Alecsandro Flores⁹ e Edmundo Kern¹⁰. Mesmo quando estava trabalhando no Departamento de Meio Ambiente, Marisa fez atividades similares nas escolas municipais Santo Antônio¹¹ e Rosalino Rodrigues Coelho¹², entre outras. “Estava pensando diferente, mas pensando melhor, eu fazia isso sem ter objetivo específico sobre a cidade, mas era uma forma de ver”.

Leila acredita que este olhar da escola para a cidade parece ser algo simples, mas é complexo. “Mudou muito o relacionamento humano. Às vezes a escola se fecha em si. Via assim, tentava movimentar do jeito que podia. A escola precisa da cidade, não é?” Ela conta sobre os passeios pelo bairro até a rodovia, trabalhando com os estudantes sobre o que estava bom e o que precisava melhorar no espaço da cidade próximo à escola quando lecionava na Vila Souza¹³. “Os alunos vêm deste espaço. Como não olhar? Mas nem sempre isso acontece.”

A professora Eoní recorda que, nos primeiros anos que lecionou em escolas da zona urbana da cidade, onde há maior número de professores, a grande maioria deles eram nascidos e residentes em Portão. “Então, eu acho que a vida da cidade estava dentro de cada um. [...], tudo que acontecia na cidade era comentado na escola”.

⁷ Escola Municipal que centraliza alunos da zona rural norte da cidade, com ensino fundamental completo.

⁸ Escola Municipal central.

⁹ Escola Municipal da periferia norte.

¹⁰ Escola Municipal da periferia leste, com ensino fundamental completo e projetos no contraturno.

¹¹ Escola Municipal central, com ensino fundamental completo.

¹² Escola Municipal da periferia norte.

¹³ Escola Municipal da periferia oeste.

As eleições municipais levavam debates pra sala de aula, e era conversado, a gente fazia a simulação de eleição. Às vezes se pedia pra, ao contar algo sobre pessoas da cidade, não falar quem era, mas isso não adiantava. Criança pequena fala sempre. Ali no Fraga¹⁴, quando o sino batia devagarinho, os alunos contavam as badaladas para saber a idade de quem havia falecido e ficavam preocupadas para saber quem era. As festas que ocorriam eram mencionadas, na Sociedade Boa Vista ou nas Igrejas da Estação, evangélica ou católica. Os campeonatos de futebol, tudo era assunto. Assim, a gente aproveitava e trabalhava sobre estas questões. Depois foi aumentando muito as turmas, as escolas, e tinha muito professor de fora, de outras cidades. Então, isso tira um pouco da proximidade, as questões ficam mais em cima dos alunos e dos problemas da escola.

Com a fala de Eoní sobre a questão de pertencimento dos profissionais em educação à cidade onde a escola está inserida, pode-se pensar se, de fato, a moradia na própria cidade faz diferença no olhar da professora em direção ao espaço habitado pelos alunos e alunas e tudo que envolve sua cultura, crenças, questões socioeconômicas, políticas. Se faz diferença, como se dá a relação da valorização do contexto de cada estudante na sua formação e no trabalho pedagógico a ser realizado pela escola? Este olhar da escola para a cidade não faz parte do processo de alfabetização e de desenvolvimento de competências e habilidades, constantes nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas e na Legislação Municipal, Estadual e Federal em educação? Aqui não se trata de apresentar respostas para estas questões, pois são profundas e caberiam em outras pesquisas, mas de não deixar passar esta observação de Eoní, pensando muito mais em suspender questionamentos sobre a forma como a escola vê a cidade e que estes possam reverberar em estudos futuros.

Neste sentido, Cândida diz que a escola é um espaço coletivo menor que precisa ver a cidade, que é o espaço coletivo maior. “Observar como a cidade cresce, o trânsito, os loteamentos, as ruas, as pessoas como vivem, onde trabalham. Sempre busquei esta visão em sala com os alunos”. Ela aponta que é necessário refletir sobre os espaços da cidade para buscar melhorias, no aspecto cultural, onde a cidade é bem precária ainda, por exemplo. “A escola é um espaço de oportunidades para melhorar a cidade. Eu adorava sair com as crianças para observar a cidade, fazia isto na Afonso¹⁵, na São Jorge¹⁶, na Mauá¹⁷”. Porém frisa: “Mas nem todo mundo gosta de fazer”.

Quando as aposentadas recordam o fato de que nem todas as professoras gostavam de observar a cidade, o entorno, perceber o espaço habitado pelos alunos, trazem um elemento importante para questionamentos. O que leva o professor a não

¹⁴ Maior Escola Municipal, central, com ensino fundamental completo.

¹⁵ Escola Municipal da periferia sul.

¹⁶ Escola Municipal de periferia sul, com ensino fundamental completo.

¹⁷ Escola Municipal de periferia sul, com ensino fundamental completo.

utilizar seu tempo de aula para trabalhar os aspectos do bairro e da comunidade onde a escola está situada? As parceiras desta pesquisa afirmam que, normalmente, o professor ou professora está ocupado(a) em realizar as atividades referentes aos conceitos a serem cumpridos no trimestre, focando objetivamente no conteúdo em si sem relacionar ao cotidiano dos estudantes. “A gente observa isso nos Conselhos de Classe. Quando uma professora mais atenta à cidade comenta algo sobre um aluno, de sua vivência, outros ficam espantados com a informação. E aí, será que não era importante repensar isso?” – todas comentam, cada uma do seu jeito.

A professora Adreane se recorda da forma como a escola olhava para a cidade e o quanto isto era importante para a escola e para o aprendizado dos alunos.

Eu tive duas experiências muito ricas nesse sentido. Em primeiro lugar, como eu te contei, já no nascimento da Vila Aparecida [...] é um desafio constante manter este olhar porque a característica das famílias vai mudando, as mulheres¹⁸ passaram a trabalhar. Então, como é que tu te dispões pra isso, né? E tem que se dispor, muitas vezes, enquanto profissional, fora do horário, no sábado. Porque se tu quer manter isso, tu vai ter que atender as necessidades das famílias. [...] Criar com elas, compartilhar, aprender. Mas tem que se dispor a isto, de criar uma forma de olhar pras famílias, pro espaço, pra cidade e achar um modo de ter a colaboração e a parceria das famílias. Quando eu estive trabalhando na APAE, eu caí literalmente dentro de uma instituição que 99% do trabalho dela precisa da comunidade. [...] Lá na APAE a gente mostrou a escola para a cidade. Fomos nas empresas, no comércio, mostramos nosso trabalho. E conhecemos muito a cidade também, vimos coisas que não imaginávamos. Houve então, um avanço muito grande no voluntariado, no apadrinhamento dos alunos, na participação nos eventos. A gente abriu muitas portas. Acho que isso a gente vai ter que avançar, se a gente quer, novamente, assim, que a escola tenha o respeito, ou seja, uma entidade que a comunidade olha, acolhe, a escola primeiro deve ter este olhar. E partilhar ideias para crescer juntos.

A partir destes relatos é possível afirmar que há necessidade de a escola ver e se ver na cidade, do mesmo modo que a cidade precisa ver e se ver na escola. Esta relação precisa ser recíproca. Entende-se que, em alguns casos e em tempos distintos, conforme as narrativas destas professoras, ocorreu e ocorre uma relação de proximidade, mas que precisa ser continuamente “alimentada” pelo diálogo, pelo chamamento a ver e se dar a ver. A conversação sobre estas percepções são baseadas nas experiências vividas por estas mulheres em tempos e espaços diversos, pensando no desenvolvimento tanto da escola quanto da cidade.

A comunidade escolar (professores, alunos, funcionários, famílias), cria um comum de sentido (Bourdieu, 1983), numa relação permanente e dinâmica, independente de parar para se observar ou não, num “campo de coexistências, efeitos de

¹⁸ Com o tempo as mulheres se dirigiram ao trabalho fora de suas residências, por vários motivos, o que acarretou uma maior necessidade de organização de horários por parte das escolas, para atendê-las. Não que os pais não pudessem atender ao chamado na escola, mas agora, ambos estavam no trabalho.

série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis” (Foucault, 2020: 121), em que as diferenças e tensões estimulam o envolvimento e o crescimento de todos. O que pode favorecer o desenvolvimento do trabalho na escola que olha para a cidade é o fato de perceber como esta engrenagem se dá a ver, abrir a janela e observar. E, a partir disso, mover-se.

Olhares da cidade para a escola

As conversas agora se dirigem ao olhar da cidade para a escola, observando pelo lado de fora desta. Estas visões mostram pequenos fatos, mas não menos relevantes, que contribuem para a reflexão a partir deste ângulo.

Eoní faz apontamentos interessantes para pensar sobre os movimentos entre a escola pública municipal e estadual, bem como a escola da rede privada, compondo a sociedade que habita a cidade. Ela também conta que houve a diminuição do número de crianças no espaço central do bairro Estação Portão, com o envelhecimento da população que habita este espaço, o que nos leva a crer que os alunos que lotam as escolas públicas municipais do bairro provêm das duas pontas periféricas deste: a região habitada nos antigos trilhos dos trens, conhecidas popularmente como Trilhos de Cima e Trilhos de Baixo (Figura 2).

Olha, aqui a Pedro Shuller¹⁹ era considerada a princesinha da Estação. No Rincão, era a Krumenauer²⁰. Cada comunidade tinha sua escola também. Depois, com o crescimento da cidade, ocorreu o crescimento do número de escolas municipais, como aqui o surgimento da Escola Fraga, e no final da São Pedro (rua), a Escola Visconde Mauá. Atualmente ficou tudo assim, um pouco diferente do meu tempo, né? O próprio desenvolvimento acabou fazendo com que houvesse esse distanciamento da cidade em relação à escola. E aqui, no meu entorno, há poucas crianças, e as que tem, muitas estão em escola privada, né? Acho que, com a crise, os alunos da escola pública vão aumentar. Fico a pensar, como a cidade olha mesmo as escolas?

¹⁹ Escola Estadual do bairro Estação Portão.

²⁰ Escola Estadual do bairro Rincão do Cascalho.

esta constatação também aparece nas narrativas de Eoní, Mariângela e Marisa. Seria preciso um estudo socioeconômico e pedagógico para iluminar a questão. Isso demanda uma investigação específica, que pode ser realizada mais adiante.

Para Cândida, a cidade, por meio de seus habitantes, carece de valores, de diálogo, de afetividade. “E isto não é obrigação da escola, apesar de muitos pensarem que sim”. Ela defende que a cidade precisa ver este espaço como lugar de aprendizado e de formação de cidadãos capazes de interpretar as questões do mundo e da vida. “Acho que hoje em dia não há um olhar da cidade para a escola. Acho que tem muita cobrança”.

Adreane comenta sobre atividades que eram realizadas nas escolas onde trabalhou. As famílias eram convidadas a participar e eram organizadas conforme as possibilidades e habilidades dos integrantes das famílias dos alunos. “Na Vila Aparecida eram feitos mutirões aos sábados onde a gente fez todo o trabalho de ajardinamento, de revitalização da cozinha, de instalação de paletes com jogos interativos numa parede que tinha desocupada. A gente conseguiu muitas coisas”. Este chamado à comunidade para que adentre a escola pode ser um primeiro passo para que a cidade se perceba na escola e observe a escola de outro modo.

De forma geral, as professoras afirmaram que a proximidade traz outro olhar da cidade para com a escola. Em relação ao desenvolvimento pedagógico, muitas delas questionaram o fato de a escola chamar os pais somente nos momentos de dificuldade com a criança, o que provoca certo distanciamento. De certo modo, as relações se estabelecem com mais facilidade e reciprocidade quando ocorrem movimentos de aproximação, seja para compartilhamento de ideias ou para possibilitar a escuta e perceber a comunidade na qual a escola está inserida. As narrativas sinalizam que tal movimento deve ocorrer por iniciativa da instituição escolar e, com uma construção coletiva, posteriormente, partindo dos grupos de apoio que se estabelecem nos chamados Conselhos Escolares²³, por exemplo.

Tinha professores que vinham de outras cidades, mas não que isso fosse um impedimento para aproximação. Porque, se agora todo mundo vier de fora todos irão se distanciar? Não. Todos precisam ter envolvimento com a escola, com a cidade. Mas eu vi professores que trabalharam quatro, cinco anos numa escola e nunca foram na rua da escola. Então, se a escola quer este olhar da cidade pra ela, precisa construir este caminho. Quem trabalha no Fraga, por exemplo, eu posso perguntar, tu já foi lá ver o que é a rua São Pedro? Tu já foi lá ver e o que achou da rua João Luís de Moraes? (Adreane, 2021).

²³ Os Conselhos Escolares foram implantados com a Constituição Federal de 1988 e implementados na LDB de 1996 (Artigo 3º, Inciso VIII) com a gestão democrática do ensino público.

Entre tantas questões apresentadas por Adreane, há o contraponto para o que Eoní trouxe sobre a professora que não reside no município ter dificuldade de olhar e pertencer ao local de trabalho e seu entorno. Adreane pondera que este fator não é preponderante na medida em que observou professoras de outras cidades realizando um trabalho de extrema conexão com a cidade onde a escola está situada. São questões, segundo ela, mais relacionadas à formação e ao profissionalismo do que sobre habitar o espaço físico em uma residência. Há muitas formas de habitar a escola (Bremm, 2017); e isso pode corresponder às formas de habitar a cidade também, afinal

A cidade presta testemunho de si mesma nas imagens pelas quais se oferece aos seus habitantes, e sua complexidade configura-se nas ações, nos pensamentos, nas mentes e nos corações da condição dos cidadãos em suas trajetórias e memórias (Rocha; Eckert, 2006: 457).

Outro fator apontado pelas professoras sobre o olhar da cidade para a escola é a participação e envolvimento da sociedade nas atividades que a escola realiza e convida a população a participar. Entre os exemplos citados estão Feiras Pedagógicas, Feira do Livro e Festas Juninas. Segundo as professoras, a escola tem uma importância social na comunidade e “a hora que isso está institucionalizado, e que é consenso e todos acreditam nisso, a valorização vem por consequência” – reafirma Adreane. As aposentadas foram unânimes em tratar deste olhar da cidade para a escola como um espaço que deve ser construído conjuntamente.

A cidade e a escola em constante transformação

As narrativas aqui apresentadas tratam de pensar nesta relação entre a cidade e a escola, neste caso específico, pública. É presente o fato da construção de um espaço coletivo, de duas vias. As falas apresentam isso de forma simples e muitas vezes, acompanhadas de crítica tanto em relação à escola quanto à cidade. É importante ressaltar que aparece de forma clara, num primeiro momento, certo estranhamento ao perceber/ver/notar agora, após a aposentadoria, o outro lado da janela da escola. E uma pergunta pulsa no silêncio de cada parceira de pesquisa quando este assunto é tratado: será preciso sair da escola para percebê-la? Muitos autores já trataram da questão sobre sair da ilha para ver a ilha.

Pesquisar na cidade onde moro trata-se de um exercício de constante estranhamento (Velho, 1980) e um desafio delicado e sensível. Da mesma forma que o

afastamento produziu novos questionamentos às parceiras de pesquisa, eu, enquanto pesquisadora sigo neste movimento para produzir outras possibilidades de pensar a escola e a cidade diante das narrativas das professoras aposentadas.

“Em muitos momentos a escola parece ter passado por certa calmaria”, diz Eoní. No entanto, a palavra “calmaria” na escola seria apenas um contraponto aos grandes episódios de crise: reformas estruturais no ensino, mudanças de governo pré e pós ditadura²⁴, e agora, diante de todas as alterações sofridas pela escola por motivo da pandemia de Covid19²⁵, por exemplo. De qualquer forma, tratar a relação da escola e da cidade em períodos de calmaria pode ter um teor fantasioso para qualquer leitor que tenha trabalhado em “chão de escola”: não é fato presente no cotidiano de grandes escolas públicas. Porém, diante de pressões externas muito intensas como as que envolvem a Covid19, calmaria pode ser um termo razoável para separar momentos distintos vividos em educação. “A escola hoje vive novos dilemas: como a educação vai ficar diante de tudo que surgiu na pandemia? E o *homeschooling*²⁶ que tanto falamos?” – lembra Mariângela. Mas é importante ressaltar, conforme as narrativas das parceiras desta pesquisa, que sempre houve momentos de tensão e este olhar de cobrança e avaliação da cidade para com a escola é constante.

Mariângela se recorda de que “a família complementava o que a escola propunha, tanto é que todas as regras que a gente criou na escola, elas foram construídas junto com as famílias”. Ela traz a experiência da Escola Gonçalves Dias quando afirma a parceria entre a comunidade e a escola e a forma como se deu a criação de projetos que tornaram a localidade de Cachoeira visível na cidade e no estado. “As decisões que a gente tomava na escola, eles assinavam embaixo”. Porém, ela diz que a escola, através das professoras e da diretora, tinha um olhar atento para os alunos mesmo fora do horário de trabalho. “Quando eles estavam indo pra casa de ônibus e acontecesse alguma coisa, os pais falavam com a gente e a gente resolvia na escola. Era um cuidado extra com eles, não só naquelas quatro horas. E um compromisso enorme”. Este é

²⁴ Ver mais em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/>>

²⁵ Covid19 é uma doença causada pelo vírus SarsCov2, que se espalhou por todo o mundo, sendo considerada uma pandemia que provocou distanciamento social, uso de máscara e higienização frequente das mãos, até a chegada da vacina no final de 2020, sendo que a vacinação no Brasil iniciou apenas em 2021, tendo provocado centenas de milhares de óbitos.

²⁶ Ensino domiciliar, onde os pais ou responsáveis ficam encarregados pelo ensino da criança. Matéria aprovada pela Câmara dos Deputados em maio de 2022, e que deve passar pela avaliação do Senado Federal em breve (Ribeiro, 2022). Ver mais em:

<<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/05/21/homeschooling-no-brasil-o-que-e-como-funciona-e-quais-sao-as-desvantagens-no-projeto-aprovado-na-camara.ghtml>>

realmente um comprometimento que está para além das obrigаторiedades dos professores da escola, mas as combinações de cada comunidade são singulares e precisam ser revisitadas de tempos em tempos.

Rosaura afirma que, sempre que ocorriam problemas que envolviam a população de forma mais geral, a escola foi espaço de acolhimento. Tanto como lugar de vacinação, de eleições, de reuniões das pessoas da comunidade ou associações, recebimento e entrega de agasalhos, acolhimento de grupos distintos por motivos diversos. “A escola é um espaço público e deve ser vista como prolongamento do lar”. Ela também pensa que algumas famílias veem a escola como “lugar onde deixar meu filho pra eu poder trabalhar”, mas no geral ela lembra que no decorrer de seu tempo de trabalho percebeu valorização das pessoas da cidade para com a escola.

Este fato apareceu em diversas narrativas e pode-se constatar a forma como as crianças vivem e convivem em seus lares, as necessidades e particularidades de cada lugar e o modo como a escola pode perceber estes diagnósticos. Importa pensar como a escola age a partir destas constatações.

Ao mesmo tempo, com todas as necessidades da população, da sobrecarga de trabalho ou procura por emprego, de alguns espaços de vulnerabilidade e de outras problemáticas do cotidiano, o chamamento da escola para a comunidade era acolhido. “No coletivo educador, com o tempo, os representantes das escolas e as pessoas da cidade se conversaram e ajudaram em muitas questões. A coleta seletiva de lixo na cidade é uma destas conquistas” – relembra Marisa.

Marisa não se arrisca a pensar como estava a situação entre a escola e a cidade, durante a pandemia. “Foi um tal de abre e fecha. É família reclamando das atividades virtuais, na *internet*”. Leila fica pensativa e diz que sente certo alívio por estar aposentada neste momento. “Tive muitos momentos de tensão no trabalho e não gostaria de passar por isso na escola agora”.

Eoní afirma que cada tempo tem suas necessidades.

Observei muito o descaso de determinadas autoridades com a escola ao longo do tempo. Quando mudava o governo, lá ia a gente ver o que acontecia, vinha projeto novo, outros modos de planejar, outras burocracias a serem cumpridas. Depois, quando surgiram as redes sociais, ficou ainda mais difícil. Qualquer palavra dita parava na *internet*. Imagem então, corria solta. Agora que eu uso a *internet*. Antes, não. Mas eu ouvia muitas histórias. A professora não podia virar de costas e o celular já pulava, as fotografias eram silenciosas e se espalhavam. Pra citar outra dificuldade, uma vez aconteceu o fato da gente não receber o salário e, depois, veio muito atrasado. Daí as pessoas se organizavam para dar um rancho pra algumas professoras. Já viu isso? Então, eu penso que dificuldade sempre houve, uma

diferente da outra, mas sempre. Às vezes a cidade olhava pra escola e ajudava e outras, criticava apenas. E penso que assim vai continuar.

A professora Adreane acredita que tudo depende da interação direta entre a escola e a comunidade. “Se a comunidade cresce, a escola precisa se organizar pra acolher. Se a comunidade se engaja, a escola consegue melhores resultados. Com melhores resultados, o conceito da escola aumenta e a comunidade fica orgulhosa. É fato comprovado”. Ela então relembra:

Eu sinto que a escola foi perdendo a noção de ver o entorno, foi se fechando talvez. Eu não tenho uma leitura, nem antropológica, nem social do que aconteceu, mas eu tenho bem visível que isso aconteceu. Têm escolas com uma grande participação social, com uma visibilidade na comunidade. Conquistaram esse espaço porque olharam pra cidade. Se a escola abriga a comunidade, a comunidade é receptiva e vai estar sempre disposta a conhecer e valorizar a escola. E eu acho que a escola precisa reaprender esse processo. A escola teria que ter dados sobre a família, as preferências culturais, entre outras informações. [...] Se isso fosse atualizado a cada ano, com a facilidade que a gente tem da tecnologia, o professor deveria ter condições de entrar na frente do *note* e pegar todo o planilhamento da turma. Pô, se de vinte e oito alunos, vinte e dois moram na João Luís de Moraes²⁷, o que eu sei sobre a necessidade deles? Se os meus alunos, todos têm mais do que um irmão, ou metade da minha turma não tem irmãos, eu começo a compreender meu campo de trabalho. Olhando no censo²⁸ se percebe que aqui se pulou de seis, sete filhos, pra um, dois, no máximo três, né? [...] Então, acho que essas questões todas são sociais e que a gente não evoluiu muito nos últimos anos ao atentar para isso. Acho que isso é uma aprendizagem que a escola vai precisar fazer. [...] Se há algum distanciamento, de certa maneira também foi semeado muito isso. Essa valorização ninguém vai nos dar. Nós precisamos conquistar.

Por outro lado, Adreane afirma que, ao longo dos anos, a escola teve muitos avanços. Ela tem certeza de que a tecnologia terá um novo espaço na escola a partir da pandemia, sendo um desafio e uma necessidade. “Assim como foram as mesas pedagógicas digitais, o uso de *tablets*²⁹ e computadores nos anos 2000. Se a população utiliza estes recursos, a escola precisa acompanhar e isto já se percebe que vem ocorrendo. Devagar, mas avançando”.

As professoras aposentadas também se referiram às questões ambientais: a preocupação por uma melhor qualidade de vida vem num crescente e os estudos sobre os recursos naturais como água e solo estiveram em pauta na escola nos últimos anos de trabalho de cada uma delas. “Eu percebo que nos últimos tempos a gente estava falando

²⁷ Rua no espaço chamado “Trilhos de Cima”.

²⁸ O censo escolar é o instrumento de coleta de informações do ensino básico no Brasil e está disponível em: <<http://censobasico.inep.gov.br/censobasico/>>

²⁹ Programa do Governo Federal UCA – Um Computador por Aluno – em Portão foi realizado na Escola Municipal Vila São Jorge. A importância do uso de *tablets* ou *laptops* no processo de ensino aprendizagem está presente no trabalho de Especialização em Mídias para a Educação (UFRGS) da professora Vera Rodrigues de Oliveira, docente da escola onde o projeto foi implantado.

Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/141378/000990646.pdf?sequence=1>>

muito mais sobre isso, e o Coletivo Educador Ambiental³⁰ de Portão foi muito importante pra este olhar” – afirma Marisa.

Este coletivo educador teve seus trabalhos iniciados no início dos anos 2000 e era formado por professoras e pessoas da comunidade em geral, interessadas em discutir as questões relacionadas ao meio ambiente na cidade. “Era muito bom ouvir pessoas de um círculo profissional diferente do nosso, como engenheiros, por exemplo, e voltar à escola levando um conhecimento a mais, alertando para outras situações” – recorda Marisa.

O aumento da população trouxe a urgência de ampliação e construção de novas escolas na zona urbana do município. Com a população também cresceu a necessidade de geração de empregos e o consequente aumento de problemáticas socioeconômicas, favorecendo o avanço da criminalidade.

Eu via o entorno da escola crescendo. E as histórias que os alunos traziam eram impressionantes. Procurava ouvir os alunos, mas às vezes era preciso desviar o assunto para não ficar pesado para todas as crianças. Depois, conversava com a equipe diretiva sobre o caso para ver o que podíamos fazer. Lamento muito que nem todas as colegas tiravam tempo para isso. E tenho certeza de que isso refletia no aprendizado (Cândida, 2021).

As conversas sobre as transformações que ocorrem na cidade e na escola deram-se em torno do crescimento populacional e do avanço do uso das tecnologias pela população e, por consequência, na escola. Problemas de ordem socioeconômica, política e cultural, vieram na sequência e foram abordados sempre com a preocupação de “como a escola vai dar conta de tudo”. Como são, conforme diz a palavra, transformações, é preciso compreender que o ritmo em que se dão afeta tanto cidade quanto escola pois uma depende da outra. Fato é que estas narrativas trazem memórias ambientais, com lugares impregnados do tempo de cada uma (Eckert; Rocha, 2010). Nestas reminiscências temos encontros de estudo e trabalho entre as professoras, em tempos diversos (Figura 3), como neste registro que mostra Marisa e Mariângela com um grupo de alunos da Escola Municipal Gonçalves Dias, em 1991.

³⁰ Organizado e coordenado pela professora Marisa Braga, parceira desta pesquisa, com encontros e trabalhos realizados com as escolas e comunidade em geral. Atualmente está sob a coordenação de Vanessa Salete Maria.



Figura 3: Mariângela e Marisa com um grupo de alunos na E. M. Gonçalves Dias.

Fonte: acervo das parceiras de pesquisa, 1991.

Na Figura 3 pode-se observar uma parte da escola, de apenas uma sala de aula, conforme as parceiras descreveram anteriormente, uma antiga “brizoleta³¹”, de madeira. As duas professoras dividiam as turmas de forma multisseriada, atendendo todas as crianças da comunidade local. Atualmente (Figura 4), a população da localidade de Cachoeira é muito maior, assim como a escola. Por estar localizada em área da zona rural de grande extensão ao norte da cidade, acolhe crianças e adolescentes deste espaço.

³¹ Brizoleta é o tipo de construção escolar de um projeto que priorizava uma educação de qualidade, podendo ser entendida como símbolo de uma época de mudanças através da educação. Leva este nome em homenagem ao governador Leonel de Moura Brizola, seu idealizador.



Figura 4: E. M. E. F. Gonçalves Dias
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Marisa trabalhou com Rosaura na E. M. Antônio José de Fraga no final da década de 1990. Nesta imagem (Figura 5) elas aparecem no pátio da escola, onde hoje fica a quadra esportiva. Estas mulheres na fotografia são o grupo de professoras que atendiam aos alunos dos anos iniciais naquele período. Eoní também trabalhava nesta escola nesta época, mas lecionava à noite para a Educação de Jovens e Adultos.



Figura 5: Marisa e Rosaura com outras professoras da E. M. Antônio José de Fraga

Fonte: acervo das parceiras de pesquisa, 1999.

Hoje a Escola Municipal Antônio José de Fraga (Figura 6) conta com uma grande equipe de profissionais, com amplo refeitório, quadra esportiva, entre outras estruturas, atendendo a uma população que cresce no entorno da escola que é a maior em número de alunos no município. Este crescimento traz uma série de necessidades e a escola precisa se organizar para atender sua comunidade.



Figura 6: E. M. E. E. Antônio José de Fraga

Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Os muros colocados entre a escola e a cidade despertam certa inquietude. As professoras contam sobre como foram construídos alguns destes muros e, também, como não foram construídos outros muros. “A Escola Mauá (Figura 7) optou por não fechar totalmente com muro a escola como forma de acolher a comunidade, dela se sentir parte da escola. Na Vila Aparecida (Figura 8) temos a visão completa da escola e isso remete a integração com a cidade” – afirma Adreane. É possível visualizar, nas palavras de Adreane, os estudos de Teresa Caldeira quando ela discute “as dificuldades em se organizar a vida social dentro de muros e como uma estética da segurança

tornou-se dominante na cidade [...]” (2000: 13). A alternativa de telas e grades amenizou a situação em alguns casos narrados.



Figura 7: E. M. E. F. Visconde de Mauá.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.



Figura 8: E. M. E. F. Vila Aparecida.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Os locais de periferia são os mais utilizados para a moradia em Portão, conforme pode-se observar no *Google Maps*: um dos fatores, sem dúvida, é o preço dos imóveis e de seus impostos. Eoní também relatou anteriormente este fato. Isso não é uma exclusividade do município. Assim, os serviços públicos como educação, saúde e segurança precisariam ser foco de atenção dos governos. “Não sei como será no futuro, mas as mudanças que ocorreram enquanto eu estava lecionando, fizeram toda diferença no que eu tinha que trabalhar em sala” – remonta Cândida. Ela lecionou nas Escolas Vila São Jorge (Figura 9) e Afonso Gomes de Carvalho (Figura 10), onde, depois da construção de condomínios populares, houve um acréscimo significativo de alunos nas escolas. Segundo Cândida, as necessidades de salas de aula e de profissionais para o trabalho foram apenas algumas das alterações: “houve a necessidade de diagnosticar os aspectos educacionais, sociais e econômicos dos novos alunos para entender quem eram as crianças que estavam chegando e suas famílias”.

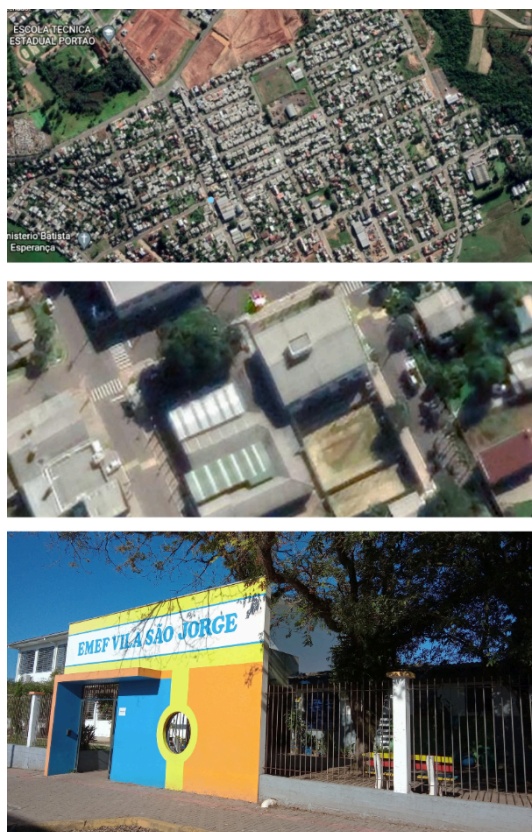


Figura 9: E. M. E. F. Vila São Jorge.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.



Figura 10: E. M. E. F. Afonso G. de Carvalho.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Leila trabalhou por mais tempo na Escola Municipal Vila Souza (Figura 11). Com o passar dos anos, esta escola teve diminuição do corpo discente. Como ela relata, “a escola teve cada vez menos alunos. A população foi ficando, em grande parte, adulta e idosa”. Hoje a escola atende turmas multisseriadas numa escola que fica próxima à movimentada Praça de Pedágio de Portão. A professora acredita que a população do bairro de Rincão do Cascalho não procura esta escola por causa das rodovias que fazem um tipo de “corte” no espaço geográfico, o que dificulta o trânsito das crianças.



Figura 11: E. M. E. F. Vila Souza
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

A escola mais próxima da Vila Souza é a Escola Municipal Rosalino Rodrigues Coelho (Figura 12). Ela está localizada mais ao norte do bairro Rincão do Cascalho. A Escola M. Rosalino R. Coelho situa-se praticamente na divisa com o município de São Sebastião do Caí. Mariângela conta que a escola começou com poucas turmas e alunos, mas “com o tempo ela foi inchando e precisou de aumento de salas e de pessoal”. Esta é uma escola que fica entre a zona rural e a zona urbana, mas de fácil acesso por estar localizada no lado mais habitado da rodovia RS122. “É um dos fatores que aumenta a procura por esta escola”, afirma Mariângela.

Também no bairro Rincão do Cascalho, no lado oposto da Rodovia RS 122, em relação à Escola Rosalino, está localizada a Escola Alecsandro Flores (Figura 13), na

chamada Saibreira³². Este foi um dos lugares onde Marisa trabalhou. Muitas crianças desta localidade vivem em situação de vulnerabilidade. Os espaços públicos foram habitados de forma desordenada, assim como nos antigos trilhos de trem onde estão localizadas outras escolas.



Figura 12: E. M. E. F. Rosalino Rodrigues Coelho.
Fonte: Acervo da pesquisadora, 2022.

³² É um local que contém saibro e está próximo aos antigos e abandonados prédios da Brasília Guaíba Obras Públicas, hoje desativada. Esta empresa extraía e produzia o material de onde foram asfaltadas muitas rodovias, entre elas, as que cortam o município de Portão, as RS 122 e RS 240.



Figura 13: E. M. E. F. Alecsandro Flores.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Eoní nos trouxe a Escola Fazenda das Palmas como sua primeira escola. A localidade que fica ao sul de Portão, na divisa com Nova Santa Rita, teve um aumento populacional. Eoní reforça que “a comunidade de Fazenda das Palmas sempre foi muito participativa” e como fica distante da sede da cidade, sempre teve necessidade de investimento no espaço escolar. Assim, em 2022 ocorreu a ampliação da escola. Na imagem (Figura 14) temos a escola como era até 2022 e o início das obras.

Outra escola da zona rural que prossegue seus trabalhos é a escola onde Adreane iniciou sua carreira, a Escola General Osório (Figura 15). Pela imagem é possível perceber uma estrutura não muito grande. “A escola foi ampliada, mas não perdeu sua característica inicial, de uma brizoleta acolhedora”, narra Adreane. Esta escola atende alunos da zona rural ao norte do município, nas divisas com os municípios de São José do Hortênsio e Lindolfo Collor. “As crianças estudam aqui os primeiros anos e depois se deslocam pra Escola Gonçalves Dias, com transporte gratuito”, lembra ela.



Figura 14: E. M. E. F. Fazenda das Palmas
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Figura 15: E. M. E. F. General Osório
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Uma das transformações importantes que ocorreram ao longo dos anos na cidade foi em relação ao transporte. Nesta pesquisa já foi possível ler que as professoras dividiam táxi para trabalhar, andavam muito a pé, de carona ou de bicicleta, e que os alunos vinham de modos diversos para a escola, como bicicleta, carroça, carreta de boi, a pé, porque não havia outro meio de transporte. O transporte coletivo ainda é uma dificuldade para os moradores, tanto da zona rural do norte quanto do sul de Portão, pelo motivo de ter poucos horários disponíveis à população. As estradas também não oferecem as melhores condições, principalmente em época de chuvas mais intensas. O possível vem sendo feito pela administração pública nos últimos anos em função das cobranças da população que, atualmente, se utiliza das redes sociais da *internet* para cobrar seus direitos. O importante é ressaltar que o transporte escolar recebeu do governo federal, por meio de projetos, ônibus escolares que atendem aos alunos conforme dados fornecidos pelas escolas.

Dando prosseguimento às narrativas, a Escola Municipal Santo Antônio teve uma alteração em sua localização. O primeiro espaço da escola (Figura 16) hoje é ocupado pela Assistência Social de Portão, para o serviço de acolhimento de mulheres e crianças em situação de vulnerabilidade.



Figura 16: Antigo prédio da E. M. E. F. Santo Antônio – agora Casa Abrigo
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

A organização dos prédios públicos para atendimento de outras necessidades que surgiram ao longo do tempo na cidade é parte de um conjunto de políticas públicas que deve permear o trabalho do poder público. É preciso olhar para a população e notar as carências para que ações possam ser efetivadas e as carências, supridas. Assim, alterar a utilização de um espaço escolar para um local de assistência social e, consequentemente, de saúde, é uma forma prática de perceber/ver/pensar a cidade.



Figura 17: E. M. E. F. Santo Antônio.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022

A alteração de endereço da Escola Santo Antônio (Figura 17) surgiu da necessidade de ampliação da escola e a antiga área já não continha espaço suficiente para tal. Também, os alunos que estudavam nesta escola vinham, em sua maioria, de um loteamento no entorno do Arroio Cascalho e grande parte dos deslocamentos com transporte seriam desnecessários se a escola se aproximasse desta população, mais ao centro da cidade. Atualmente, a escola já teve nova ampliação pois esta área teve um acréscimo de indústrias e comércio, o que atraiu mais moradores.

Num espaço próximo ao centro da cidade está localizada a Escola Carlos Oswin Franke (Figura 18). Muitos projetos desta escola têm destaque a nível municipal e regional e é uma escola que se utiliza muito das redes sociais da *internet* para divulgação de seus trabalhos. “A escola foi ampliada por duas vezes, que me lembro. O salão da escola é uma das relíquias deste lugar”, lembra Marisa. “A comunidade ali pega junto com a escola”, reafirma Cândida, que diz que ali “famílias de várias partes da cidade buscam a escola”.



Figura 18: E. M. E. F. Carlos Oswin Franke
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

A Escola Municipal Edmundo Kern (Figura 19) teve um percurso interessante, que foi narrado por Adreane e Marisa, sendo primeiramente uma pequena escola estadual que foi cedida ao município (década de 1980) por estar numa área municipal, passando a conter também o Horto Florestal³³ do município.



Figura 19: E. M. E. F. Edmundo Kern
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

Os alunos da escola são oriundos do bairro Portão Velho e do Loteamento Liberdade. Próximo à escola, em área pública, se instalou um grupo do MTST³⁴, coordenados por sindicalistas e políticos. Existem trâmites que ocorrem para a legalidade da área de terras para seus habitantes. Com a ajuda da comunidade e de suas lideranças, a SEME³⁵ de Portão ampliou a escola, que, agora, conta com projetos no contraturno.

³³ O Horto Florestal de Portão é um espaço cuidado e coordenado pela Secretaria de Meio Ambiente do município, mas como está no espaço da escola é utilizado pela instituição como lugar de atividade e aprendizado.

³⁴ Movimento dos Trabalhadores Sem Teto.

³⁵ Secretaria Municipal de Educação.

Em contraponto a este movimento de ampliação de escolas e serviços, há escolas que foram desativadas em localidades da zona rural (Figura 20). A saber, conforme a numeração, 1. E.M. Deni Paulo da Silva Moutinho (Antiga Dr Alberto Barbosa), 2. E.M. Getúlio Vargas, 3. E.M. Dr. Alberto Pasqualini, 4. E.M. Machado de Assis, 5. Escola Municipal João Scherer, 6. E.M. João Albino Cassel, 7. E. M. Liberato Salzano Vieira da Cunha e 8. E.M. Olavo Bilac. Estas escolas estão vivas³⁶ na memória das professoras aposentadas pois representam uma parte importante em suas trajetórias: o início do trabalho em educação.

Segundo as narrativas destas mulheres, algumas comunidades fizeram movimentos para que as escolas não fossem desativadas, outros locais não se posicionaram. Habitantes do espaço rural se deslocaram para o urbano para estudar e, outros, para trabalhar. Estes movimentos demonstram as complexificações de uma cidade e sua metropolização, as necessidades de trabalho, transporte, moradia e todos os efeitos que a urbanização transborda para o meio rural.

Além disso, é possível pensar, inclusive, nas áreas centrais de bairros mais tradicionais como Estação Portão e Rincão do Cascalho, onde as escolas diminuíram muito o número de estudantes, pois a comunidade “envelheceu” e os filhos se dirigiram a outros espaços. Em contrapartida, se observou o contrário nas periferias: aumento da população e crescimento dos estudantes e escolas. Os espaços foram se reinventando. Os modos de habitar, também (Kohan, 2013).

³⁶ Em 2021 realizei exposição virtual pelo Grupo de Pesquisa LEPPAIS da UFPel onde escrevi a “Carta a uma escola tapera”, tratando das “sensações” de uma escola rural desativada. Disponível em: <<https://www.antropoeticas.com/tercasantropoeticas>>



Figura 20: Escolas municipais desativadas – Portão/RS.
Fonte: acervo da pesquisadora, 2022.

A escola narrada é uma escola viva, assim como a cidade (Eckert; Rocha, 2010). Numa vida como exercício³⁷ de liberdade (Foucault, 2014), o ensinar e o aprender deveriam ser atemporais e, portanto, ocorreriam em qualquer espaço: tanto escola quanto cidade. Nesta pesquisa importou pensar sobre certo dinamismo em que o “poder pode e deve se ocupar da gestão da vida, a potência por sua vez é responsável pela sobrevivência” (Maffesoli, 1987: 84). O que Maffesoli aponta pode alavancar possibilidades de arranjos nos espaços vividos entre a escola e a cidade, se for considerada a “polifonia” do discurso social. Esta forma de escutar estes espaços está para além dos sons da escola e da cidade, mas no que estes sons reverberam entre elas.

A relação da escola pública com a cidade, as trocas de aprendizado, as transformações ao longo do tempo, seja de estrutura física, seja do trabalho pedagógico, são engrenagens que se apresentam em particularidades e que representam encaixes, desencaixes (Deleuze; Guattari, 1992b) e novas possibilidades. Estes olhares, por diferentes janelas, assim como as dos satélites que foram utilizados neste estudo, são

³⁷ Como estratégia nos jogos de poder. Aqui, pensada na/sobre/com/para a educação na relação entre cidade e escola.

partes de um engendramento que se dá não apenas por dobras, mas em constante devir (Deleuze; Guattari, 1992a, 1992b), com cruzamentos de subjetividades, com pontos de fuga, territorialização e desterritorialização, enriquecendo e alterando a rotina escolar e, por conseguinte, movimentando a cidade. O movimento contrário também ocorre afinal, estas relações se dão nos espaços entre (Deleuze; Guattari, 1992a).

Imagens e escritas aqui apresentadas são parte do “entrelaçamento de memórias plurais das quais nasce a cidade como parte integrante de uma comunidade semântica em suas múltiplas interpretações” (Eckert; Rocha, 2010: 131). Essas memórias trazem a vida que pulsou e pulsa por entre a escola e a cidade.

Considerações finais

Quem pesquisa deve estar atento pois o campo, as narrativas, as imagens e a escrita apontam novas possibilidades a cada momento. Aqui, tratando de janelas que olham os universos da escola e da cidade e tudo que isso envolve, relendo as escritas e observando as inúmeras imagens, vê-se janelas a todo instante. Neste texto, além das janelas das escolas, das residências da cidade, da grande janela do satélite, há a janela dos meios de comunicação (Figura 21) que nos aproximou durante a pandemia de Covid19. Este também foi um universo criado pela necessidade dos encontros, das escutas, dos olhares – que também são janelas –, e aqui, particularmente, da pesquisa etnográfica que permitiu rodas de conversa sobre a escola, a cidade, a carreira em educação, as trajetórias de mulheres educadoras, hoje em processo de envelhecimento, revivendo suas vivências. Os meios de comunicação e os recursos audiovisuais foram, sem dúvida, janelas extremamente importantes.



Figura 21: Eoní conversando com a pesquisadora Sandra por vídeo chamada
Fonte: acervo da pesquisadora, 2021.

Através dos encontros etnográficos foi possível observar que há diferentes extratos sociais que compõem cada comunidade escolar e, com isso, fazem cada escola ser um espaço único. Além disso, percebe-se nas narrativas e nas imagens, a forma como a cidade foi sendo ocupada e as peculiaridades de cada espaço, fazendo com que a escola pudesse acolher os alunos e as premências de cada comunidade. Ou, ao menos, que fosse o lugar do encontro para pensar nas potencialidades e adversidades, para possíveis ações.

As conversas também apresentaram a relação entre os momentos vividos por elas na escola e na cidade e a forma como se construiu a subjetividade do “ser” professor, revelando a ritmicidade de cada uma delas. Nestes processos, sem dúvida, culturais, observam-se as identidades narrativas e as memórias sobre o mundo do trabalho, inter-relacionadas com a sociabilidade, contendo as relações de afeto e os conflitos, a subjetivação e os arranjos que ocorrem com as transformações na escola, numa sociedade complexa e contemporânea.

Conforme as narrativas se apresentaram, pôde-se pensar nestas conexões. Elas também são importantes para, de modo geral, suspender conceitos e inúmeros questionamentos: afinal, que espaços são estes, da escola e da cidade? Há limites entre estes espaços? Os corpos que habitam os espaços da escola não são os mesmos que habitam a cidade? Algumas questões parecem ter respostas lógicas, mas nesta construção não são passíveis de um modelo. Habitar a cidade é um movimento que o

corpo³⁸ escola precisa encontrar. Assim como a cidade precisa encontrar-se na escola, perceber-se nela e com ela.

Escola essa que é uma instituição criada pela sociedade e o engajamento ou distanciamento da comunidade escolar se apresentam como uma resposta da cidade diante do que a escola movimenta na/para/com a cidade. Dito assim, parece ponto pacífico e, inclusive, aumenta a responsabilidade da escola como um todo. Porém, esta é uma relação complexa que vai se construindo, modelando, formando, desenhando aos poucos, com idas e vindas proporcionadas por minúcias, sutilezas, repetições, desvios, todos movimentos possíveis. Afinal, são elaborações que ocorrem numa sociedade contemporânea e, conseqüentemente, na escola pública que se molda: ou enrijece ou se transforma, experimenta, tenta e se reinventa. As janelas se abrem para os diferentes universos criados. É preciso ver através delas.

³⁸ Pensando em um corpo escola a partir da estética e dos estudos foucaultianos.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- BRASIL. *Constituição de 05/10/1988*. Dispõe sobre Constituição Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 07 mar. 2021.
- BRASIL. *Lei nº 12.960/14*, de 27/03/2014. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para fazer constar a exigência de manifestação de órgão normativo do sistema de ensino para o fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112960.htm> Acesso em 20 fev. 2022.
- BRASIL. *Lei nº 9.394/96*, de 20/12/1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 09 fev. 2021.
- BREMM, Alessandra Baldissarelli. *Habitar a escola: minúcias de encontros entre arte e educação*. 215 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação. (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo* / Teresa Pires do Rio Caldeira; tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo, Editora 34, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer* / Michel de Certeau; tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis, Vozes, 1994.
- COLLING, Sandra Maria Costa dos Passos. Carta a uma escola tapera. Exposição virtual do Grupo *Antropoéticas*/LEPPAIS UFPel. Disponível em: <<https://www.antropoeticas.com/tercasantropoeticas>>
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Conversações*. São Paulo, Editora 34, 1992a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro, Editora 34, 1992b.
- DOUGLAS, Mary. *Como as instituições pensam* / Mary Douglas; (tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura). São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. *Revista RUA*, Campinas, n. 16, vol. 1, p. 121-145, jun. 2010.

FORNER, Fernanda. Instituto Humanitas. Unisinos. *Questão ambiental do Vale do Rio dos Sinos*. Disponível em: <<http://unisinos.br/blogs/ihu/eventos/questao-ambiental-vale-rio-dos-sinos/>> Acesso em 14 de nov. 2020.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2020.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 42ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2014.

GOOGLE Maps. *Mapa de Portão*. 2021. Disponível em: <<https://goo.gl/maps/71g536WA67m1EWRe7>>. Acesso em: 14 mar. 2021.
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo escolar*. Disponível em: <<http://censobasico.inep.gov.br/censobasico/>> Acesso em: 11 jan. 2021.

Instituto Vladimir Herzog. *Memórias da ditadura*. Disponível em: <<https://memoriasdadtadura.org.br/>> Acesso em: 10 fev. 2022.

KOHAN, Walter Omar. *O mestre inventor: Relatos de um viajante educador/ tradução Hélia Freitas*. – 1ª. ed.; 1ª. reimp. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2013.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis, Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In AMOSSY, R. (Org.), *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo, Contexto, 2008. p. 69-92

OLIVEIRA, Vera Rodrigues de. *Especialização em Mídias para a Educação* (UFRGS). Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/141378/000990646.pdf?sequence=1>> Acesso em: 23 jun. 2022.

RIBEIRO, Marcelo. Homeschooling no Brasil. *Valor Econômico*. Brasília, maio 2022. Disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/05/21/homeschooling-no-brasil-o-que-e-com-o-funciona-e-quais-sao-as-desvantagens-no-projeto-aprovado-na-camara.ghtml>> Acesso em: 10 jun. 2022.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. A cidade e suas crises, o patrimônio pelo viés da memória: por que e como preservar o passado. *Habitus*, Goiânia, n. 1, v. 4, p. 455-470, jan. 2006.

VELHO, Gilberto. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: _____. *O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro, Campus, 1980. p.13-23.